

O Livro do Tempo: Escritas e reescritas

Teatro Greco-Latino e sua recepção II

**Maria de Fátima Silva, Maria do Céu
Fialho & José Luís Brandão
(coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

IFIGÊNIA EM WESTEROS: AS DIFERENÇAS ENTRE O DILEMA DE AGAMÉMNON E DE STANNIS BARATHEON (Iphigenia in Westeros: the differences between Agamemnon' and Stannis Baratheon' s dilemma)

FERNANDA BORGES DA COSTA (ferborgesdacosta@gmail.com)
Mestranda da Universidade de Coimbra

RESUMO - Agamémnon, na tragédia esquiliana, e Stannis Baratheon, personagem da série Game of Thrones, compartilham o dilema entre liderar uma guerra e sacrificar a própria filha. Estabelecida a aproximação, resta-nos endereçar os pontos de contraste entre a obra clássica e sua herdeira moderna.

PALAVRAS-CHAVE - Sacrifício, dilema, Agamémnon, Ifigênia, Game of Thrones.

ABSTRACT - Agamemnon, from the Aeschylean Tragedy, and Stannis Baratheon, a character in the Game of Thrones' series, share the same dilemma between leading a war and sacrificing their own daughters. Once the correlation is set, I address the divergent points between the classic and its modern heir.

KEYWORDS - Sacrifice, dilemma, Agamemnon, Iphigenia, Game of Thrones.

1. INTRODUÇÃO

Não é segredo que o gênero fantástico – em sua encarnação literária ou filmada – é herdeiro tanto dos clássicos em geral como da tragédia e da épica em especial, resultante de uma longa linhagem de contos e mitos entrelaçados com os moldes literários modernos. Este *paper* endereça a comparação entre trechos das tragédias clássicas de Ésquilo e de Eurípides com acontecimentos do nono episódio da quinta temporada da série de TV produzida pela HBO, *Game of Thrones* (*Guerra dos Tronos*), dirigida por David Benioff e Daniel Weiss, e este episódio em especial por David Nutter. A série, por sua vez, tem por referência o romance *A Song of Ice and Fire* de George R. R. Martin. A nossa abordagem precisará limitar-se à perspectiva da série de TV uma vez que os acontecimentos em torno do dilema de Stannis constarão apenas no próximo livro do romance, *The Winds of Winter*, ainda por ser publicado. Apesar de tomar a série como referência principal, contudo consideraremos relevantes certas informações extraídas do romance literário que não contradizem a produção televisiva mas, pelo contrário, completam-na como um conjunto de detalhes sobre a mesma obra.

Apesar de constituírem questões relevantes às teorias da recepção, não discutiremos, porém, a possibilidade (ou mesmo a utilidade) de exercer um estudo

comparativo entre a tragédia clássica e a ficção moderna. Para dar espaço ao tema com a brevidade necessária pressuporemos esta questão controversa como superada. Tampouco devo discutir qual seria a intenção dos diretores da série de TV ou do autor da obra literária quanto ao paralelo com o mito do sacrifício de Ifigênia. O objetivo da comparação restringe-se aqui à tentativa de demonstrar um enriquecimento na compreensão da passagem da ficção moderna quando confrontada com o relato trágico.

1.1. Resumo do cenário

Stannis Baratheon luta pelo trono do reino de Westeros, ao qual ele teria direito depois da morte de seu irmão, após a paternidade dos filhos do falecido rei com a rainha-viúva ser seriamente questionada. Stannis pretende marchar do Norte para o Sul para iniciar a retomada do território. Porém sua investida encontra resistência diante de uma grande nevasca. O rei está “ilhado” e seu acampamento sofre, preso sob um inverno cada vez mais rigoroso. Suas tropas não são capazes de seguir adiante na tempestade de neve, e Stannis não vai retornar para a Muralha no extremo norte, pois isto significaria admitir derrota e desistir da pretensão sobre a coroa. Além do exército, Stannis traz consigo sua esposa, Selyse, seu fiel conselheiro, a sacerdotisa do Deus da Luz, Melisandre, e a princesa Shireen. Certa noite o acampamento é atacado com fogo. O terror do ataque noturno estraçalha o que resta da coragem dos homens, já bastante oprimidos pelo frio e pelo racionamento de alimento e água. Sem esperanças de sobrevivência, derrotado pela natureza antes mesmo de entrar em batalha, o rei decide apelar para seu último recurso.

Melisandre acredita que Stannis é o herói escolhido pelo Deus da Luz. Sua religião prediz: “When the red star bleeds and the darkness gathers, Azor Ahai shall be born again amidst smoke and salt to wake dragons out of stone”¹. Ela encontra Stannis no castelo em que ele habitava, isolado numa ilha no mar salgado e guardado por imensas gárgulas em formato de dragão. Dada a pretensão de Stannis ao trono e a simbologia de seu castelo, Melisandre interpreta que Stannis é o herói prometido. E para que o seu herói renasça poderoso como o verdadeiro Rei de Westeros será necessário um sacrifício terrível e o pagamento através do sangue real, tal como demanda o Deus da Luz. No momento de fraqueza e vulnerabilidade do rei e de seu exército, a princesa Shireen torna-se o último recurso de Stannis, não apenas para garantir poderes sobrenaturais, mas também a sobrevivência de seus homens, de sua marcha para o Sul e de sua pretensão ao trono.

¹ Martin 2011: Capítulo 48.

2. AS SEMELHANÇAS E APROXIMAÇÕES

As semelhanças entre ambas as narrativas, de Stannis e Agamémnon, podem ser divididas em duas partes. A primeira refere-se à correspondência entre o papel e as funções das personagens principais; a segunda refere-se às circunstâncias em que Stannis se encontra e a conjugação de *topoi* narrativos que a narrativa moderna empresta do seu antepassado clássico.

2.1. Os papéis das personagens

A tríade principal do sacrifício, o pai, a mãe e a filha, ou o rei, a rainha e a princesa, formam o ponto principal de convergência entre as personagens da tragédia clássica e da narrativa de *Game of Thrones*. O rei Stannis Baratheon toma o lugar de Agamémnon, a rainha Selyse é Clitemnestra e a princesa Shireen é Ifigênia. Além da tríade principal, a narrativa moderna também traz o deus e sua profecia, em paralelo com Ártemis e a sua exigência de compensação. Por fim, como grande intérprete da palavra dos deuses, Calcas pode ser aproximado com o papel de Melisandre. Como não nos parece possível abordar as aparentes semelhanças entre as personagens sem trazer à tona suas distinções mais profundas, deixaremos para prosseguir na comparação mais adiante.

2.2. Semelhanças circunstanciais

Além dos papéis e funções semelhantes divididos entre as personagens modernas e clássicas, existem ainda correlatos circunstanciais que não podemos deixar de ressaltar entre as condições de Stannis e Agamémnon quando se torna necessário que decidam sobre o sacrifício de suas filhas em prol da guerra. Seguem-se os tópicos:

(1) O exército de Stannis é impedido de avançar para a guerra pelo Norte por conta de um fenômeno natural intenso – a grande nevasca, o que é um convite à comparação com a condição dos exércitos de Agamémnon quando Ártemis cessa os ventos nas praias de Áulis impedindo-os de navegar até Tróia e dar início à guerra.

(2) Melisandre prediz que somente o sacrifício da princesa poderá despertar os poderes do Deus da Luz e conceder os meios necessários a Stannis para derrotar seus inimigos. Apesar da presença da profetisa no papel do adivinho, em vez de cessar uma intervenção divina, espera-se que ela ocorra. Efeito contrário ao que se espera na previsão de Calcas e com o cumprimento da demanda de Ártemis.

(3) Constrói-se um contraste forte entre Selyse e Clitemnestra. Selyse segue fervorosamente fiel ao Deus da Luz e apoia o sacrifício até os momentos finais, colocando-se ao lado de Melisandre – tudo isso, contudo, apenas até o momento em que vê sua filha queimar na fogueira.

(4) O rito sacrificial segue conforme a demanda do deus correspondente. A degolação sobre o altar cabe a Ártemis como a fogueira cabe ao Deus da Luz, que retira seu poder do fogo e da pira. E a virgindade e inocência de ambas as princesas incrementam o horror do sacrifício exigido.

Enfim, para uma audiência de *Game of Thrones* que conheça a história dos Atridas, a ruína de Stannis Baratheon após o sacrifício da filha não foi uma surpresa. O ponto circunstancial de maior valor simbólico talvez seja a representação de Shireen na fogueira segurando um pequeno cervo esculpido em madeira. Da perspectiva interna à narrativa, o cervo é o animal que representa a casa dos Baratheon. Na aproximação com o sacrifício de Ifigênia, porém, o cervo tem o efeito imediato de conexão com *Ifigênia em Aulis*, de Eurípides, e a súbita substituição de Ifigênia pelo animal sacrificial realizada pela deusa Ártemis momentos antes da degolação.

3. TRÊS PONTOS DE COMPARAÇÃO

Eurípides salva Ifigênia do sacrifício, ainda que para isolá-la num dilema trágico posterior. Mas não há, para Shireen, opção de salvamento. Sua morte é inevitável e esta é apenas uma dentre as principais divergências entre as tragédias e o romance fantástico. Abordaremos três tópicos de divergência, sem pretensão de exaurir o assunto, são eles: a religião, o gênero e o dilema.

3.1. Religião

A representação da religião em *Game of Thrones* é ampla. Há uma pluralidade de cultos que permeiam o território (Deus da Luz e do Fogo, Deus sem Face/Morte de Bravos, Os Sete de Westeros, Os deuses antigos do norte, o culto das Harpias de Mereen, etc.). Porém, a religiosidade não se integra organicamente à sociedade. Onde há milagres e magia, ela é aberrante, de difícil compreensão, e foge ao controle até mesmo de seus executores. Onde há ordem, hierarquia e dogmas claros, a religião é meramente nominal, não intervém nos acontecimentos do mundo e não faz parte da prática cotidiana.

A narrativa convida-nos ao ceticismo religioso e é neste contexto em que Stannis Baratheon escolhe acreditar em Melisandre. Stannis abandona o culto dos Sete deuses em prol do Deus do Fogo, após diversas demonstrações de poder da sacerdotisa e os favores que perpetrou em batalha; seja por meio de previsões, seja por interferência mágica. A certeza inabalável de Melisandre quanto à predestinação de Stannis contamina-o tanto mais quanto eleva-se a incapacidade do rei de superar com armas e homens os seus obstáculos. Stannis encarna a representação moderna de como se daria a crença inabalável na profecia e no sacrifício. Bem como as suas consequências.

No que diz respeito à Religião, é possível contrastar a narrativa moderna com a tragédia clássica em vários aspectos. Escolherei apenas dois pontos para

este momento, deixando à parte a questão de que a religião grega coexistia na sociedade clássica com sua representação na tragédia, enquanto as religiões em *Game of Thrones* são criações próprias para a ficção.

(1) O primeiro ponto é o deslocamento do conflito divino para o âmbito unicamente humano. Na tragédia clássica temos, por um lado, a demanda de Zeus pela guerra e, por outro lado, a interferência de Ártemis. Os dois comandos divinos levam às circunstâncias do sacrifício de Ifigênia e do dilema de Agamémnon. Os deuses gregos decidem entre si o destino dos homens segundo sua arbitrariedade, nem sempre em acordo. Já em *Game of Thrones*, não há conflito entre deuses. A guerra está no chão, e são os homens, e apenas eles, que lutam. Sua motivação não é religiosa. Eles agem conforme sua vontade e seus deveres derivam primariamente de seus desejos. A pluralidade de religiões não acrescenta fatores ao conflito, se não por fazer parte da polifonia de forças ocultas que movem o destino humano, sem que ninguém seja capaz de compreender plenamente o que se passa.

(2) O segundo ponto trata da situação do homem mediante uma força superior e incontrolável. Tanto Agamémnon como Stannis não são capazes de voltar-se contra os deuses e estão sujeitos às forças do destino. Mas Agamémnon é capaz de dar nome a seus deuses e de compreender – ainda que no limite humano – as suas vontades. Há uma lei de Zeus que requer que se pague com vingança a hospitalidade ofendida (raptor de Helena). Ártemis permitirá que os gregos naveguem se o rei cumprir o sacrifício. Por maior que seja a parte de Agamémnon na culpa pelos seus feitos, ainda é possível dizer que a interferência divina contribuiu para sua ruína. Já Stannis é colocado por si mesmo frente a uma escolha e está preso às suas próprias decisões e aos limites do que é capaz de ver e compreender. Stannis não cogita que a sacerdotisa pode estar errada na leitura do futuro ou na compreensão sobre o deus – e isto apenas corrobora sua própria culpa. Para que acredite em Melisandre não há coerção outra que não sua própria vontade, as consequências das decisões que tomou até então e as circunstâncias do destino.

3.2. Gênero

No acampamento de Stannis há três mulheres: Melisandre, a sacerdotisa, Selyse, a rainha, e Shireen, a princesa. Apesar da participação feminina nas decisões do rei, ainda há aqui uma oposição entre o papel do homem e da mulher na situação da guerra. Não havia espaço para a mulher grega nos afazeres da guerra, exceto como espólio ou sacrifício. A presença feminina ao lado de Stannis poderia fazer parecer que a mulher ganha protagonismo nesta guerra. Mas argumentaremos que não é bem o caso.

Foi a rainha Selyse que convenceu o rei de que ele precisava dos poderes da sacerdotisa para alcançar seus objetivos. Mas passado o estágio de convencimento, ela não possui mais tanta influência sobre Stannis como Melisandre. Selyse é retratada com demasiada fraqueza mental; é o que a faz mergulhar na crença do deus

da luz, e é o que a leva à loucura e ao suicídio após a morte da filha. A rainha falha em ser Clitemenstra, incapaz de proteger ou defender sua prole, e é incapaz de sequer ir contra a decisão do marido. Sem capacidade de compreender os afazeres da guerra, sua presença no acampamento dá-se como mera sombra de Melisandre.

Melisandre, por sua vez, é a personificação de um tipo bem específico de misticismo feminino, aquele que doma o homem e sua mente racional. É através da sedução que Melisandre convence Stannis a agir, ao oferecer seu corpo e seu poder pela causa do rei. Ela alega ser capaz de ter o dom divino e ver o futuro nas chamas, e declara que o futuro de Stannis é sublime. No mito clássico, não há motivos para Agamémnon duvidar da previsão de Calcas, suas palavras refletem a vontade dos deuses tal como ela é. Se Agamémnon falha, não é por imprecisão do adivinho. Aqui, Stannis falha ao crer na previsão equivocada da sacerdotisa. A figura poderosa e solene de Melisandre apequena-se. Sua alegação de conhecimento superior se desfaz nas cinzas da fogueira sacrificial quando é testada. Melisandre acreditava ser Cassandra. Mas sua crença absoluta no poder que possui e seu engano final ao interpretar a profecia divina afastam-na da princesa troiana.

Ao ser capaz de ler o presente através do conhecimento sobre o passado, é Shireen quem tem maior proximidade com a figura da vidente. Sua paixão por livros e pelas histórias do passado a torna capaz de predizer o futuro melhor que Melisandre, sem que o saiba. O livro que lê no 9º Episódio chama-se "*A Dance of Dragons: A true telling*". Quando Stannis vem buscá-la para o sacrifício, pergunta à filha de que trata o livro. Shireen explica que o livro relata os acontecimentos em torno da luta entre um príncipe e uma princesa Targaryen pelo trono de Westeros²:

Sh. - Both of them thought they belonged to the Iron Throne. When people started declaring for one of them or the other, their fight divided the kingdom in two. Brothers fought brothers, dragons fought dragons. By the time it was over, thousands were dead. And it was a disaster for the Targaryens as well. They never truly recovered.

S. - If you had to chose between Rhaenyra and Aegon, who you would have chosen?

Sh. - I wouldn't have chosen either. It's all the choosing sides that made everything so horrible.

Na tragédia, como é regra na maior parte da narrativa clássica, não há espaço para a mulher na guerra – exceto talvez como oferenda sacrificial. Há um aparente protagonismo feminino nos afazeres da guerra em *Game of Thrones*, mas este protagonismo apenas reitera o afastamento e a estranheza da mulher no campo de batalha. Melisandre se mostra equivocada e Selyse, fraca. A série (e o romance) em alguma medida mantém os papéis das representações femininas nas

² *Game of Thrones*, ep. 09. Transcrição do diálogo.

tragédias. Pouco transgride os limites do papel feminino apenas para reafirmá-lo, na medida em que a mulher é mais fraca do que crê (Selyse), menos capaz de compreender uma guerra do que pensa (Melisandre) ou é capaz de falar o que precisa ser dito, mas não é capaz de se fazer compreender (Shireen).

3.3. DILEMA

O dilema de Agamémnon constrói-se conforme o conflito entre seus deveres como pai e como rei-general dos gregos. A construção do dilema de Stannis é semelhante, dividindo-o entre seu amor pela filha e o que pensa ser seu dever como herdeiro legítimo do trono. Ambos os heróis possuem um momento para defender sua perspectiva diante do dilema com breves discursos. Seguiremos então para a citação destes e uma breve comparação³:

Grave cisão é não confiar,
grave cisão, se eu trucidar
a filha, adorno do palácio,
poluindo de filicidiais fluxos
paternas mãos ante o altar.
Que há sem estes males?
Como ser desertor das naus
por frustrar o bélico pacto?
O sacrifício de cessar-vento
e o virgíneo sangue, desejá-los
com superfurioso furor,
é lícito, pois que bem seja!

Agamémnon pesa as alternativas que vê adiante, sem que possa omitir-se. Sua empreitada contra Tróia, a demanda de Zeus Xénios por vingança e sua honra estão em jogo, e por isso sua decisão final é considerar justo o sacrifício da filha em prol da guerra. Já o discurso final de Stannis segue-se nestes termos:

Sometimes a person has to choose. Sometimes the world forces his hand. If a man knows what he is and remains true to himself, the choice is no choice at all. He must fulfill his destiny and become who he is meant to be. However much he may hate it.

É possível traçar críticas semelhantes à decisão de ambos os reis. Mas destacarei aqui apenas duas das suas diferenças.

³ Ésquilo, *Ag.* 206-217. Torrano 2004.

O dilema de Agamémnon é travado entre papéis: trata-se da ponderação entre suas funções, entre o que ele deveria zelar como pai e como rei, tanto para com sua família como para com aqueles a quem comanda. São imposições nascidas da demanda divina e dos deveres sagrados. Já o dilema de Stannis é essencialmente solitário e travado consigo mesmo. Sua consciência como pai e seu afeto pela filha vão de encontro à sua pretensão ao trono e a impotência diante das circunstâncias aparentemente casuísticas.

É a falibilidade de Stannis, como homem mortal, o centro de sua tragédia moderna. Como o é também para Agamémnon, mas para o grego a mortalidade humana é vista sempre em contraste com a potencialidade divina, e sua falibilidade contém em si mesma a lição sobre os limites do humano. Enquanto que para Stannis Baratheon ser humano significa enfrentar as consequências de seus atos e de suas escolhas por si mesmo, sem amparo comparativo. Não há para Stannis qualquer instância superior compreensível – ou alguém outro com quem dividir a culpa por suas escolhas.

A ruína de Agamémnon o espera em casa anos depois. Ela o atingirá logo após seu retorno triunfante, depois da vitória dos gregos contra Tróia. Já a ruína de Stannis é imediata e sem quaisquer honrarias. No amanhecer seguinte ao sacrifício, ao preparar-se para marchar contra os inimigos, um general informa Stannis de que metade de seu exército debandara, levando todos os cavalos. Em seguida um soldado lhe revela que a rainha se enforcara, tomada de remorso pela morte da filha. E logo descobre-se que Melisandre fugira do acampamento. Ainda assim, Stannis marcha a pé com o que resta de suas tropas. Encontra um regimento montado do lado inimigo, que derrota sem dificuldades os seus homens cansados.

A profecia de Azor Ahai não se cumpre. Seu exército se desfaz e o que lhe resta é destruído. Sua esposa comete suicídio e sua sacerdotisa abandona-o. O sacrifício de sua filha acontece em vão. Stannis, ferido, é abandonado para morrer.

4. CONCLUSÃO

A proposição da comparação entre os sacrifícios de Ifigênia e Shirren, bem como os correlatos dilemas dos reis Agamémnon e Stannis, formam uma ponte temática que conecta passado e presente, antigo e moderno. Ainda que cada obra seja passível de diversas interpretações, é possível estabelecer um enquadramento do sacrifício da perspectiva clássica e moderna. Na tragédia o sacrifício é resultado dos desejos divinos, ainda que intrinsecamente conectada com as ações e decisões do herói. O sacrifício representado no romance, contudo, revela os traços indiscutíveis da individuação moderna e da desconfiança tanto para com a religião sacrificial, como para a solidão humana diante das forças desconhecidas que regem este mundo fantástico.

BIBLIOGRAFIA

- Ésquilo. *Agamêmnon*. Trad. J. A. A. Torrano (2004). São Paulo: Ed. Iluminuras.
- Martin, G. R. R. (2011), *A Dance with Dragons*. UK, Voyage Books: Kindle Edition.